

Em torno das origens da Geopolítica alemã *

Cecilia Quintana Binimelis¹

Resumo

Este artigo aborda as origens históricas, geográficas e filosóficas que permitiram a construção do pensamento geopolítico alemão e que teve grande influência durante o governo nacional-socialista de Hitler.

É de grande interesse conhecer o desenvolvimento deste assunto devido a atual ambigüidade conceitual e de sua utilização da Geopolítica pelas grandes potências (em versões muito parecidas às desenvolvidas na Alemanha), com a finalidade de resolver conflitos políticos e econômicos.

Palavras-chave: Prussianismo, Geografia Política, Estado, Lebensraum.

Abstract

This paper aims to explore the historical, geographic and philosophical origins that made possible the construction of the German geopolitical thought which greatly influenced Hitler's national socialist government.

It is of great interest to know the development of this matter due to the present conceptual ambiguity of geopolitics and the use of these studies by the big powers (in similar versions as those developed in Germany) in order to solve political and economical conflicts.

Key words: Prussianism, Political Geographic, State, Lebensraum.

* Este artigo se constitui em uma parte da pesquisa "Visão Geopolítica na América Latina: o caso da Argentina, Brasil e Chile", 2005.

¹ Cecilia Quintana é Licenciada em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica e Diplomada em Inteligência Estratégica, Universidade do Chile. É Professora Titular Extrainstitucional da Academia Superior de Estudos Policiais - Polícia de Investigações de Chile. E-mail: ccquinta@puc.cl.

Recebido em 12/02/2006 e aprovado para publicação em 05/05/2006.

1. Introdução

No começo de um novo século continuam as transformações profundas provocadas após o colapso do socialismo real europeu que culminou com o mundo bipolar. Desta maneira, tem se configurado uma aparente unilateralidade caracterizada pela hegemonia do sistema capitalista que tem se fortalecido pelo elevado desenvolvimento tecnológico, pela informação, pelas comunicações e pelos transportes.

Neste novo milênio, a multipolaridade se traduz também em crises e mudanças nos cenários político e econômico mundial, dando impulso para construção de espaços transnacionais e para mundialização de padrões de desigualdades econômico-social², técnica e informacional³, de ameaças ambientais e do surgimento de novas ameaças⁴ que se inscrevem em diversas escalas.

Neste novo cenário internacional, o processo de mundialização⁵ não só está facilitando uma maior integração e inter-relações entre os Estados e localidades, mas uma nova Divisão Internacional do Trabalho, sendo que as decisões e atividades que ocorrem em uma determinada parte do planeta têm conseqüências significativas em regiões muito distantes. É aí que está o território, e, sobretudo, aqueles que são dotados de recursos estratégicos (água, petróleo, gás natural, minerais...) voltam a ser cobiçados deste a Geopolítica tradicional.

² Segundo Bindé (2000), em "Informe provisional del equipo especial sobre la UNESCO en el siglo XXI", a distribuição das riquezas no plano mundial apresenta uma continuidade: dos 10 países mais ricos do mundo em 1897, em 1997 recobre, salve uma exceção, os mesmo países; o investimento estrangeiro em direito das sociedades internacionais se concentrou em 63% em 1997 (frente a 61% em 1988) nos países da tríade (Japão, América do Norte e Europa Ocidental); a pobreza recuou nos últimos 50 anos mais que durante os 5 séculos anteriores; mais de 3 bilhões de pessoas, porque não dizer mais da metade da humanidade, procuram sobreviver à pobreza com menos de 2 dólares/dia.

³ De acordo com Bindé, 2 milhões de habitantes ainda não possuem energia elétrica; 80% da população mundial não tem acesso aos meios de telecomunicação básicos; somente 2,4% da população mundial tem acesso à Internet (26,3% nos Estados Unidos, 6,9% nos demais países da OCDE (Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico); 0,1% na África Subsaariana; 0,04% no sul da Ásia). Todas estas desigualdades têm proporcionado um techno-apartheid.

⁴ As novas ameaças se relacionam com uma dimensão internacional dos fenômenos vinculados ao crime organizado, narcotráfico e a corrupção associada a estes: terrorismo, migração e degradação do meio ambiente; e os conflitos étnico-nacionais e religiosos (Bermúdez, 2001:118-119).

⁵ Os conceitos de globalização e mundialização têm sido utilizados como sinônimos, sem restrições, contudo, apresentam diferenças. A globalização se circunscreve em forma à relação de interdependência que se produz no âmbito econômico e financeiro. A origem conceitual se origina das Escolas Norte-americanas. Entretanto, a mundialização se constitui em um conceito mais amplo que o de globalização porque considera aspectos além do âmbito econômico-financeiro. Incorpora aspectos sociais, políticos, culturais e ideológicos. Sua origem conceitual provém das Escolas Francesas.

Igualmente, a queda de posições ideológicas e políticas de tradições seculares têm provocado polêmicas, questionamentos e confusões, o que tem permitido o surgimento de propostas nacionalistas de aversão a estrangeiros com base étnica, racista e religiosa-fundamentalista. Tem nascido também novos movimentos de caráter econômico, cultural, ambiental e político-social que buscam expressar suas reivindicações de justiça e igualdade, como, por exemplo, os relacionados com as minorias sexuais, étnicas, agricultores, mulheres entre os mais importantes, os que não necessariamente são representados pelos atuais grupos políticos⁶. Neste sentido, os fatos acontecidos na Argentina e, particularmente na Bolívia, são exemplos mais emblemáticos de como os movimentos sociais e políticos acabam derrubando sucessivos governos, e que frente a crises rearticulam discursos em torno da geopolítica.

Definitivamente, o que é geopolítica? O que está atrás dos discursos geopolíticos? Aonde surgiu? E como tem encontrado espaço entre os atores políticos, sociais, intelectuais e, especialmente, militares? Nicholas Spykman⁷ atribui-lhe três diferentes significados gerais: a) associando-a primeiramente a escola histórico-filosófica do III Reich quando buscava legitimar a edificação de um Estado colocando a força a serviço de sua expansão⁸; b) a geopolítica como sinônimo de geografia política; e c) o estudo e planejamento de uma política de segurança que não se pode considerar independente das características da região em que se manifestam as tensões.

Paradoxalmente à medida que mais se utiliza o conceito de geopolítica, mais impreciso ele se torna. No estudo *Competição o internacional pela posse de bases exteriores*, Robert Harkavy estabelece uma lista com diferentes interpretações da geopolítica que se encontra na linguagem política corrente. Para uns a geopolítica é uma palavra, um pouco antiquada, que evoca o

⁶ Uribe, Graciela, *Geografia Política. Verdades y falacias de fin de milenio*. México, 1996, p. 31.

⁷ Nicholas Spykman foi professor de Ciências Políticas, chefe da Escola Geopolítica Americana. Rejeitou os trabalhos de Karl Haushofer e sua equipe, indicando que suas análises se restringiam em uma *Geografia da Paz*. Dedicou-se à reflexão de uma geopolítica que permitiria apagar as feridas da II Guerra Mundial. Indicou uma estratégia para que os Estados Unidos terminassem com as hostilidades e desordens no mundo. Em outras palavras, justificou a intervenção norte-americana neste novo palco.

⁸ Nesta perspectiva é interessante mencionar Albert Demangeon que escreveu uma definição de Geopolítica em 1932 a partir dos trabalhos da Escola Alemã de Karl Haushofer: A geopolítica alemã tem renunciado a seu espírito científico (original) e tem se situado na vanguarda da propaganda nacionalista alemã. Não é mais um trabalho educativo para preparar o povo alemão a dar um salto à ordem européia. Trata-se de um instrumento de guerra (Gallois, 1992:40).

tradicional equilíbrio das potências da diplomacia clássica. Para outros permitirá colocar o termo no espaço territorial e no meio físico em detrimento da ideologia. Amplificará a noção de potência e do interesse nacional. Justificará as apropriações do espaço e dos recursos. Implicará em uma diplomacia brutal, eventualmente uma guerra total. Decretará aos governantes uma conduta diplomática militar contrária aos ideais universais anunciados, como são materializados nos seguintes trechos: respeito aos direitos humanos, desenvolvimento econômico em benefício de todos, controle de armamentos, combate pacífico para surgir uma nova ordem mundial. Por último, em um sentido mais amplo, a geopolítica não seria mais que o sinônimo da política de poder praticada em um âmbito das relações internacionais. Na perspectiva de Hobbes⁹ seria a forma para designar uma situação permanente: os conflitos endêmicos entre povos, o motor de suas lutas, sua finalidade, suas saídas¹⁰.

Por tanto, a ambigüidade conceitual, intencional ou não, gerada no transcorrer destas décadas, tem distanciado a Geopolítica de seu conceito original a que foi criado. Neste sentido, Rudolf Kjellen, autor desta expressão, quando a empregou pela primeira vez este termo no ensaio “As grandes potências”, publicado em 1905, o fez basicamente para continuar desenvolvendo as concepções ratzelianas a respeito da relação Estado-Poder elaboradas em fins do século XIX. Onze anos mais tarde, reafirmou as bases dessa nova disciplina em seu livro “O Estado como forma de vida”, editado em 1916, na Suécia¹¹. Seus trabalhos, que exerceram influencia na Alemanha, mostrava ser um meio que permitiria chamar a atenção dos políticos sobre as características geográficas na concepção do Estado e na arte de governá-lo. Daí que se definiu a geopolítica como a ciência que estuda o Estado como organismo geográfico, porém, também considerou o Estado como um ser vivo que crescia, se desenvolvia e morria, e cujo principal atributo era o poder¹².

⁹ Thomas Hobbes (1588-1679), filósofo inglês, descreveu o homem como um ser movido (em estado natural) pelo desejo e pelo temor; para viver em sociedade, o ser humano tem que renunciar a seus direitos, em proveito a um soberano absoluto que faz reinar a ordem: o *Estado*. Assim teorizou sobre o Estado, apoiando-se na doutrina dos direitos naturais à dependência com as leis da natureza. Estas teorias esboçaram alguns conceitos centrais de que seria posteriormente a Geopolítica.

¹⁰ Citado por Pierre Gallois, *Geopolítica. Los caminos del Poder*. Madrid, 1992, p. 44.

¹¹ Vesentini, José William, *Novas Geopolíticas*. Sao Paulo, 2003, p. 15.

¹² Kjellen, Rudolf, “Autarquía”. In: Augusto Rattenbach (Compilações), *Antología Geopolítica*. Buenos Aires, 1985, p. 53.

O presente artigo se constitui em uma aproximação em torno das origens históricas, geográficas e filosóficas da Geopolítica na Alemanha.

2. Prussianismo

A análise de estudo que compreende a Geopolítica é antiga, e sempre têm existido várias visões a respeito da relação que se produz entre espaço, poder, recursos e a ingerência quem têm os Estados sobre estes elementos. Efetivamente, foi uma forma de conhecimento geopolítico o desenvolvimento desde a Antigüidade por soberanos como Dário I (Pérsia) e Alexandre Magno (Macedônia), o que os permitiu estruturar seus grandes impérios; como também o realizado por Inca Tupac Yupanqui, quando viajou até a Polinésia com 20.000 guerreiros em balsas à busca de novos domínios¹³, entre outros exemplos. Nesta perspectiva, o saber geopolítico compreende uma tentativa de análise científica sobre a importância dos Estados em face de sua extensão, sua população e sua posição geográfica, integradas com ideologias que procuram estimular e provocar a realização de objetivos de expansão territorial e dominação de Estados vencidos¹⁴.

Não obstante, o pensamento geopolítico que se desenvolveu durante os anos 1920 dentro do âmbito geográfico, teve estreita relação com os conflitos políticos entre as potências imperialistas que, deste o século XIX, lutavam para assegurar a hegemonia em toda a extensão do mundo, respaldadas em seus respectivos Estados pelo espírito nacionalista¹⁵. Certamente, o componente essencial do Estado-nação foi visto como o controle de determinado território cuja propriedade era almejada por motivos que iam desde a tradição, a identidade racial, cultural, a religião e a língua¹⁶.

Estas tendências foram por demais fortalecidas pelo liberalismo. As revoluções americana e francesa abriram uma nova era em que os Estados nacionais se edificaram em soberanias territoriais claramente delimitadas e exercidas pelos governos em nome da nação. Sem dúvida que as disputas territoriais,

¹³ Ramírez, Hugo, "Introducción a la Geopolítica". In: Revista Geopolítica Hacia una Doctrina Nacional. Año VI, N° 19. Buenos Aires, 1980, p. 14.

¹⁴ Correia de Andrade, Manuel, Geopolítica do Brasil. São Paulo, 2001, p. 7.

¹⁵ Em fins do século XVIII, a noção de soberania nacional sobre um território bem delimitado havia chegado a um lugar proeminente, não só na prática política, mas também na teoria na jurisprudência.

¹⁶ Arriagada, Genaro, El pensamiento político de los militares. Santiago, 1986, p. 111.

característica fundamental das guerras entre nações durante a maior parte do século XIX, tiveram como objetivo unir espaços para construir um Estado-nação a partir de velhos Estados, novas nações-estados¹⁷.

No caso da Alemanha, os processos históricos em relação com estes elementos foram mais acentuados que em outros países. De início a Prússia – surgida como produto da unificação do ducado de mesmo nome e do principado de Brandenburgo (século XVII), se transformou no século seguinte em um poderoso Estado militar que acabava de assumir uma posição hegemônica de respeito no conjunto da fragmentada Alemanha. Frederico Guillermo I (1713-1740), chamado Rei Soldado, transformaria a Prússia em uma verdadeira guarnição, chegando a gastar um terço dos recursos nacionais em armamentos, no tempo em que 3% da população servia às tropas. O novo Estado acabou se caracterizando por um desmedido culto à guerra e se transformando em um Estado militar¹⁸.

Da mesma maneira, a Alemanha experimentou um desenvolvimento histórico diferente do resto da Europa, se destacando por forte presença dos senhores feudais em oposição a setores da burguesia ligados à manufatura e ao comércio. Pesa a esse atraso histórico a relação com o desenvolvimento do capitalismo, os setores da classe dirigente prussiana mostraram grande força desenvolvendo uma importante indústria estatal de equipamentos militares e uma indústria agrícola de cereais com capacidade de exportação, base econômica dos senhores feudais e dos junker, parte da sociedade que mantinha o domínio do aparelho de Estado¹⁹.

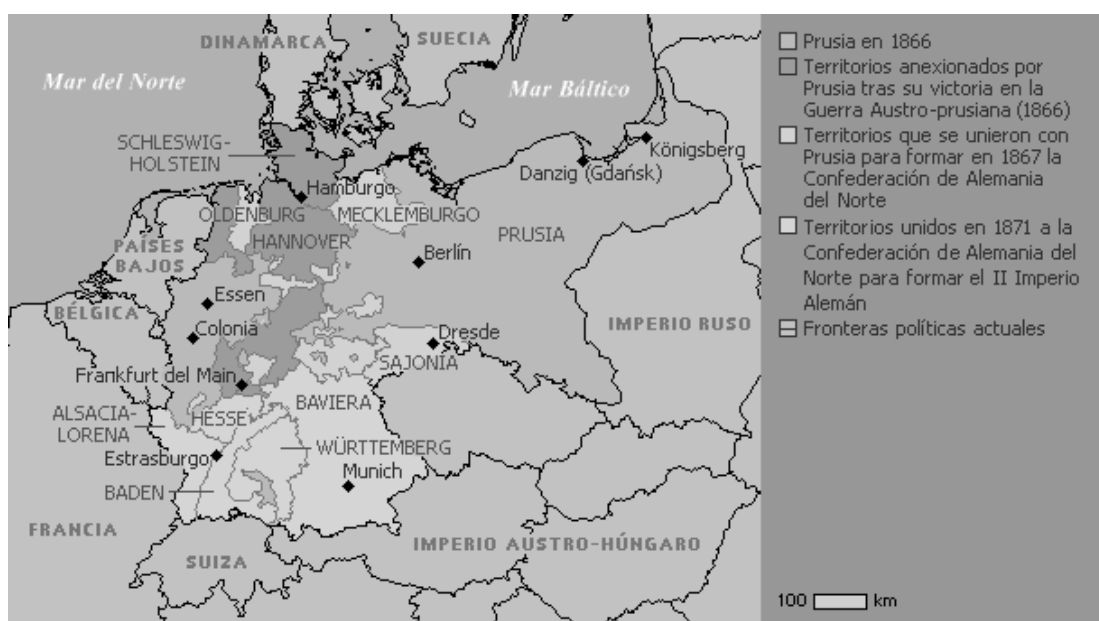
Ao fim do século XVIII o Estado militar prussiano chegou a ter grande influência entre os Estados alemães, no tempo em que se destacava por suas conquistas territoriais e seu extraordinário poder militar. Sem restrições, as mudanças ocorridas na Europa, especialmente pelas revoluções que passaram França e Inglaterra, também repercutiram na Alemanha. Décadas mais tarde, a invasão napoleônica reduziria a menos de cem Estados a fragmentada geografia política alemã. Desta maneira, o Estado prussiano começou a atravessar diversos períodos, sendo o mais relevante, o relacionado com os sucessos

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Quiroga, Patricio y Maldonado, Carlos, El Prusianismo en las Fuerzas Armadas Chilenas. Santiago, 1988, pp. 17-18.

¹⁹ Quiroga, Patricio y Maldonado, Carlos, op. cit., p. 18.

revolucionários de 1848-49, que se tornou o principal símbolo das aspirações democráticas e burguesas. Junto a isso, a partir de 1862, fortaleceu as bases para a concentração territorial que culminou com a unificação alemã em 1871. No desenvolvimento desta unificação, a Prússia já havia se imposto militarmente (através de sucessivas guerras) frente a Áustria e Dinamarca conseguindo o controle político-militar em área alemã²⁰, e onde Otto von Bismarck seria líder inconteste.



Em 1866 o governo de Bismarck apresentou um projeto para iniciar a modernização da indústria militar: aumentou o contingente de alistamento em 10%, a partir disso, 41.000 soldados passaram a reforçar o exército existente. Finalmente, Alemanha ficou em condições de mobilizar a força de 3.500.00 homens armados em caso de conflito. Os militares governavam o país, a indústria destinava os recursos necessários, com o tempo uma ideologia de guerra povoava as consciências dos soldados e vinculava na população uma disciplina cega frente ao poder central²¹.

Por trás da unificação da Confederação da Alemanha do Norte (união dos Estados alemães independentes situados ao norte do rio Main) e dos quatro Estados germânicos do sul, Baviera, Baden, Hesse e Württemberg em 1871,

²⁰ Quiroga, Patricio y Maldonado, Carlos, op. cit., p. 19.

²¹ Quiroga, Patricio y Maldonado, Carlos, op. cit., p. 21.

se configurou o II Império (Reich) Alemão. Esta nova condição imperial veio a fortalecer o desenvolvimento da Alemanha que, entre o período 1871-1890, se transformaria em uma poderosa nação industrializada que a faria figurar em uma lista de primeira ordem no cenário internacional. Foi assim que se gerou uma acelerada industrialização no país, a prussianização total da Alemanha e a edificação de uma política colonialista.

Indubitavelmente, as últimas décadas do século XIX foram da expansão colonial e imperialismo, uma vez que a Europa crescia graças as suas colônias. As grandes potências repartiram entre si a Ásia e a África, e particularmente França, Inglaterra, Rússia e o Império Áustro-Húngaro viam com desconfiança o crescimento vertiginoso da Alemanha. Todavia, a formação de blocos e alianças entre as distintas potências criou um ambiente de insegurança na Europa que inevitavelmente culminou com a guerra. Começava a corrida armamentista e as construções navais em grande escala: era a paz armada. Sem restrições, a crise se instalou em 1914 através do atentado em Sarajevo e se prolongou até 1917 quando a Europa começou as pressões pelo fim da guerra. Logo os conflitos entre os Estados ultrapassariam o interior de cada um deles, tal como aconteceu com os alemães, que se revoltaram contra o império por se negar a estabelecer diálogos em prol da paz e fizeram com que o imperador Guillermo II abdicasse para evitar um processo similar ao ocorrido na Rússia. Desta forma, a Alemanha passou a ter um novo regime político com a constituição da República de Weimar.

Produto do Tratado de Versalhes (1919), a Alemanha se debilitou ao aceitar as condições impostas pelos aliados: fortes sanções econômicas, perdas de territórios e soberania em setores estratégicos²². Os acordos assinados em Paris só conduziram a uma nova e pior conflagração. De fato, a população alemã se voltou à questão nacional, cujo sentimento se fortaleceu devido às perdas territoriais.

²² A Alemanha teve que suprimir o serviço militar obrigatório; reduzir seu exército a 100.000 homens; desmilitarizar todos os territórios na margem oriental e ocidental do rio Rin em uma margem de 50 km de largura; deixar de importar, exportar e produzir armamentos; limitar sua força naval a 36 navios de guerras na superfície (não eram permitidos submarinos) e a quantidade de marinheiros seria de 15.000 homens; deixando ainda proibido a aviação militar. Teve que pagar grandes indenizações e perdeu aproximadamente 71.000 km² de seu território, algo aproximadamente em torno de 13% de seus domínios europeus.

Assim mesmo, ao longo da segunda metade do século XIX, a base conceitual do pensamento geográfico foi se deslocando do sagrado de sua natureza, - e falando de uma visão mediada pelo misticismo religioso pré-moderno e a teoria científica moderna²³, e onde se apontava a busca das leis da natureza, a uma clara tendência da biológica evolucionista. Isto significou incorporar à Geografia a concepção de unidade da vida orgânica, onde as sociedades eram organismos sociais que se diversificavam e especializavam sobre a influência do ambiente externo e suas próprias estruturas internas. Para tanto, cada organismo vivo necessitava de um território, lebensraum o espaço vital, para obter seus meios de subsistência. Porém, o crescimento da população levava a aumentar as exigências destes meios, o que obrigava os Estados a ampliarem seus territórios para população excedente. A era industrial ampliou a área de comércio da indústria alemã em pleno desenvolvimento, buscando diversas saídas que as potências rivais negavam. Isto orientou, finalmente, que a classe dirigente centrasse seu olhar nos territórios menos povoados e menos organizados.

3. O Estado, a Geografia Política e a superioridade das raças

Como ramo individual do tronco comum geográfico, a Geografia Política (anterior a Geopolítica) nasceu na Alemanha, graças, segundo Vicens Vives (1981), a imposição da corrente idealista imposta pelos filósofos alemães na Europa a partir de Immanuel Kant²⁴; para tanto, existiu um excepcional desenvolvimento dos métodos de trabalhos científicos nas universidades daquele país desde o início do século XIX e, especialmente, obscuro, íntimo e transbordante desejo que presidiu a vida do país, desde a conjuntura romântica, de dar soberania plena a um Estado único nacional inspirado na exagerada grandeza do Império medieval germânico²⁵.

²³ Peet, Richard, *Modern Geographical Thought*. Oxford, 1998, p. 8.

²⁴ Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, manifestou as pretensões sobre a verdade metafísica tradicional, porém, conservou o caminho do saber racional e do conhecimento científico, evitando qualquer abandono ao ceticismo e colocando o valor absoluto na lei moral. Neste sentido, Kant estava convencido de que não podia haver moral sem uma certa crença em Deus e na imortalidade, o que o obrigou a pressupor a necessária existência de Deus.

²⁵ Vicens Vives, Jaime, *Tratado General de Geopolítica*. El Factor Geográfico y el Proceso Histórico. Barcelona, 1981, p. 40.

Na construção desta nova disciplina e do Estado que se queria formar, diversas mentalidades influíram neste processo. A criação de uma cosmovisão coerente às idéias que fluíam começou com a obra *Setencias* (1757) de Kant onde pela primeira vez se empregou no campo das ciências o conceito de Geografia Política. Este mesmo autor, posteriormente, em sua obra *Idéias de uma história geral desde o ponto de vista universal* chegou à conclusão de que a História não era obra dos homens, e sim da natureza. Dizia: as leis universais da natureza determinam todas as ações humanas. Portanto, a Geografia não devia se ocupar unicamente com a descrição da natureza, e sim ampliar os aspectos etnográficos e políticos²⁶. Isso permitiria a Kant preparar a idéia de uma estreita relação entre natureza e humanidade, e onde a influência da primeira sobre a segunda seria determinante; e onde se legitimava o conceito de Estado-Nação-Organismo ao aplicar o biomorfismo aos fenômenos políticos e sociais²⁷. Esta perspectiva foi a que seguiu Alexander von Humboldt, que pode ser considerado o pai da Geografia Moderna, realizou importantes estudos a respeito da Geografia dos Estados, destacando-se o Espaço político sobre o reino da Nova Espanha, em que analisa os fatos geográficos e suas relações com a vida humana e política dos Estados.

Posteriormente, o filósofo Juan G. Herder, muito sensível às mudanças culturais que se iniciavam na Europa, captou o crescente nacionalismo e romantismo que se generalizava e desenvolveu um novo conjunto de reflexões na obra *Idéias da Filosofia e da História* onde forneceu novas orientações ao estudo geográfico-político por considerar a nação um ser orgânico, como uma planta da natureza. Para Herder, terra e a humanidade se constituíam uma unidade inseparável, não só porque a primeira era a morada da segunda, e sim porque esta é um organismo biológico dependente da terra. Sua filosofia política se impregnou plenamente de um determinismo histórico²⁸. Em outras palavras, para este autor, a natureza estava de tal modo disposta, que cada etapa desenvolvia dentro de um circuito específico de formas superiores de vida uma cadeia seletiva: a humanidade não era senão um todo diferenciado, encontrando-se dividida em raças, entre as quais se sobressaia à branca.

²⁶ Atencio, Jorge, *Qué es la geopolítica*. Buenos Aires, 1979, p. 88.

²⁷ Gallois, Pierre, *op. cit.*, p. 227.

²⁸ Atencio, Jorge, *op. cit.*, p. 89.

Deste racismo, mesmo que ingênuo, se desprenderiam teorias sobre a existência de raças superiores²⁹. De alguma forma Herder havia imaginado que a nação alemã seria um modelo que uniria o povo alemão com a razão universal, elementos que mais tarde seriam diminuídos pela Geopolítica alemã. Durante este período, o centro de reflexão estava centrado no processo de evolução da espécie humana. Em suma, a filosofia clássica alemã colocou no centro do debate as potencialidades das forças da natureza e, fundamentalmente, uma destacada orientação anti-individualista frente ao Estado, ou melhor, a adoração e idolatria ao Estado prussiano. Todos estes elementos alcançaram êxito nas emergentes elites de uma Alemanha que saía da fragmentação de seus Estados territórios vigentes por quase um milênio. As novas idéias reforçavam pretensões em função de uma grande Alemanha³⁰. A configuração desta nova visão de mundo se incorporou a de Karl Ritter³¹, cuja obra foi mais direta nas idéias geopolíticas. Alguém que logrou sistematizar o pensamento de Humboldt, segundo Vicens Vives, sua obra jamais teve o impulso criador que teria mais tarde Friedrich Ratzel. Entretanto, seus ensinamentos na universidade permitiram formar uma geração de discípulos em que ia pesando a teoria positivista do milieus formulada pelo francês Lamarck³², - e elevada à dogma filosófico por Comte³³-, assim como a teoria evolucionista de Darwin³⁴, o culto ao Estado por parte de Hegel³⁵ e o nacionalismo

²⁹ Quiroga, Patricio y Maldonado, Carlos, op. cit., p. 22.

³⁰ Quiroga, Patricio y Maldonado, Carlos, op. cit., p. 23.

³¹ Karl Ritter (1779-1859) sistematizou o pensamento de Humboldt, para tanto, suas idéias, versaram sobre a influencia da vida das plantas, dos animais e até do homem, exercem nos fatores geográficos; mas também ampliou esta idéia às condições históricas (Atencio, 1979:92-93).

³² Jean-Baptiste de Monet, cavaleiro de Lamarck (1744-1829), naturalista francês, anunciou pela primeira vez uma teoria da evolução das espécies (transformismo), baseada no caráter hereditário das adaptações morfológicas ao meio ambiente.

³³ Augusto Comte (1798-1857), filósofo francês, lançou as bases do positivismo em que um de seus principais aportes foi o método experimental. Para Comte, as fontes de variações sociais eram a raça e o clima (fatores naturais) e a ação política (fator humano).

³⁴ Charles Darwin (1809-1882), naturalista inglês, elaborou a teoria sobre a evolução das espécies. De fato, em sua obra "A origem das espécies" afirmava: embora a isolamento tenha importância para a produção da espécie nova, o tamanho da zona é, ao todo, ainda mais importante para a produção da espécie de vida longa, capaz de estender extensamente (citado por Atencio, por 1979:97). Mais tarde, quando alguns geopolíticos aceitaram a teoria que considerou o Estado como ser biológico, inclinada nas observações deste naturalista com relação ao valor do espaço como força política. Conseqüentemente, a vida dos estados seria determinada por seu espaço.

³⁵ Friedrich Hegel (1770-1831), filósofo idealista alemão, estabeleceu uma fórmula essencial para o conceito de história, que consistia em um processo da evolução constante e que alcançava a liberdade absoluta por meio de um sistema de estado (prussianismo). Justificou que o sujeito da história era o povo organizado em Estado, em que os princípios da moral individual não prevaleceram e foram sacrificados em benefício deste. Os pangermanistas recolheram de Hegel sua definição de Estado, sua concepção de direito das nações e o elogio implícito à Prússia, manifestação organizada do espírito germânico: A razão e o a realidade manda considerar o Estado como um todo orgânico formado por um coletivo unido para a

romântico de Fichte³⁶. Neste aspecto Ritter, mais que Humboldt, forneceu aos futuros geopolíticos alemães os primeiros fundamentos da disciplina.

A obra mestra de Ritter foram os quase vinte volumes da Geografia Comparada³⁷. Neste trabalho realizou a ambiciosa tarefa de descrever e explicar a geografia mundial adotando uma nova concepção: o globo não é somente um ente inorgânico, assim sendo, deverá ser analisado e compreendido como um organismo (vivo). Por suas características geográficas e seu clima, uma mesma região intervém diferentemente sobre comportamento dos povos e dos Estados, à medida que eles avançavam na História³⁸. Desta maneira, a Geografia se transformava na ciência viva do globo, onde os continentes são seus órgãos primários e que atuam de modo semelhante aos seres biológicos³⁹. Com estes conceitos se antecipou as idéias orgânicas que Ratzel depois aprofundaria.

A confluência destas correntes de pensamento abriu espaço para as concepções de Friedrich Ratzel, que em suas obras Antropogeografia e Geografia Política, chegou a concluir que na história da evolução das sociedades humanas existiriam elementos permanentes: o homem e o solo, e que ambos os elementos podiam ser objetos de investigação científica pelo importante mecanismo de sua interação. Estas idéias tiveram eco na orgulhosa Alemanha, resultado da vitória em Sédan e da diplomacia de Bismarck, mas também em toda a Europa, graças ao desenvolvimento vertiginoso do imperialismo econômico e político e o entusiasmo pelo positivismo nas ciências naturais⁴⁰.

defesa comum de seus bens. A partir do momento em que é unido, também os indivíduos que dão forma este coletivo devem constituir e manter o poder do Estado. Isto assegura também a defesa e o bem estar seus cidadãos... O Estado eleva o indivíduo, desde a disciplina que impõe para integrá-lo, livra-lhe de suas contingências e de suas preocupações menores (Gallois, 1992:186 - 187).

³⁶ Johan Gottlieb Fichte (1762-1814), foi discípulo de Kant e autor de Discursos à nação alemã. Mesmo não admitindo que o meio físico pudesse determinar as características nacionais, mesmo assim contribuiu para alguns traços específicos. Compreendeu que o homem é um constante criador, conseqüentemente, o alemão tem caráter, não se submete às leis da natureza nem o peso da história, nem aceita ser influenciado pela parte externa. Assim era enquanto Fichte ilustrou as teses da superioridade germânica que justifica o orgulho nacional alemão e que dá a esperança a um povo abatido pela derrota. Era o promotor involuntário distante e bom do pangermanismo, de seus desvios raciais e do delírio do homicida do nacional-socialismo (Gallois, 1992:183).

³⁷ O título original foi: Os conhecimentos atuais em relação à natureza e a história dos homens, conjunto e comparações destes conhecimentos como bases seguras para o estudo e conhecimento das ciências físicas e históricas, posteriormente se abreviou para Geografia Comparada.

³⁸ Gallois, Pierre, op. cit., pp. 231-232.

³⁹ Atencio, Jorge, op. cit., p. 93.

⁴⁰ Vicens Vives, Jaime, op. cit., p. 43-44.

Neste contexto, Friedrich Ratzel publicou “Leis do crescimento territorial” (1896) e “Geografia Política” (1897) onde formulou a importância da integração territorial germana e a perigosa debilidade que enfrentava uma nação fragmentada incapaz de alcançar o espaço vital necessário para seu desenvolvimento⁴¹, já que durante a primeira metade do século XIX os alemães, ao buscarem seu espaço político, consideravam a fronteira como uma divisão freqüentemente arbitrária e sempre temporal. Por isso, Ratzel definiu a fronteira como um pedaço de terreno mais ou menos largo e impreciso, pois não via na natureza a representação cartográfica das fronteiras... os mapas não são mais que abstrações, a zona de fronteira é a realidade⁴² e expôs suas sete leis sobre a expansão dos Estados, também denominadas leis dos espaços crescentes.

Para Ratzel espaço não era um mero veículo para as forças políticas, era em si mesmo uma força política de primeira importância. Cada uma das leis apontou para esta linha de análise, onde as 4ª, 5ª e 6ª leis formariam a essência do que seria a Geopolítica nas décadas posteriores aos dias atuais. Sobre a 4ª lei, a fronteira é um órgão situado na periferia do Estado (considerado como um organismo). Pelo seu posicionamento materializa o crescimento, a força e as trocas territoriais do Estado. A 5ª lei assinala que percebendo sua extensão no espaço, o Estado faz um esforço para absorver as regiões importantes para seus planos: o litoral, as bacias hidrográficas, as planícies e geralmente os territórios mais ricos; no entanto, a 6ª lei indicou que o primeiro impulso que leva o Estado a ampliar seu território vem de fora, atraído por uma civilização inferior a sua⁴³.

Esta concepção de expansionismo territorial foi que fez interpretar o nascimento da geografia moderna como um serviço aos interesses do imperialismo em seus diversos aspectos, incluindo a aquisição de territórios, a exploração econômica, o militarismo e a prática da dominação de classe e raça⁴⁴.

⁴¹ Uribe, Graciela, op. cit., p. 91.

⁴² Gallois, Pierre, op. cit., p. 80.

⁴³ Citado por Pierre Gallois, op. cit. p. 238-239.

⁴⁴ Peet, Richard, op. cit., p. 9.

O pensamento de Ratzel seria seguido por Rudolf Kjellenn, criador da expressão geopolítica. Para este autor, a essência do Estado como organismo é composta de elementos jurídicos de força; como toda vida social existente sobre a terra não se consistia somente na moralidade, e sim, também, em desejos orgânicos... os Estados, tal como podemos seguir seu curso na história e tal como nos movemos entre eles no mundo das realidades, são seres materiais-rationais, exatamente igual aos seres humanos⁴⁵. Portanto, um sistema de governo para conseguir um Estado repleto de vitalidade – assimilado a um organismo vivo, segundo as teses de Ratzel –, devia colocar em prática cinco políticas complementares e convergentes: Ekonopolitik, Demopolitik, Sociopolitik, Kratopolitik e para conduzir ao êxito sua expansão natural, a Geopolitik⁴⁶. Eram cinco elementos da mesma força, cinco dedos da mesma mão, trabalhando juntos na paz e lutando juntos na guerra⁴⁷.

Em meio a estas correntes de pensamento surgiram também com força às concepções racistas, sendo um de seus principais expoentes, Houston Stewart Chamberlain, autor da obra *A origem do século XIX* (1898), um texto que argumentava que, por trás da fragmentação política e territorial, era preciso destruir o dogma da igualdade entre os homens instaurado pelo cristianismo e demonstrar que não há igualdade nem entre os homens e nem entre as raças. Pela pureza da raça, o germano era superior, porém, o judeu também pertencia a uma raça pura, portanto, seria o único que no terreno racial poderia se voltar contra o ariano; daí que essas raças seriam inconciliáveis, inassimiláveis. Chamberlain dedicou quase duzentas páginas do Tomo I de sua obra ao estudo da questão judaica e os perigos que o judaísmo apresentava aos germanos. Esforçou-se em demonstrar que a superioridade de uma raça não dependia unicamente de sua pureza, sendo que um povo poderia selecionar sua raça. Os alemães, por não terem sofrido tanto quanto outras populações da Europa o caos étnico do sul, igualmente aos nórdicos que os rodeavam, seriam mais aptos para a purificação⁴⁸.

⁴⁵ Marull, Federico, "Geopolítica". In: Revista Terra Australis, Nº 21. Santiago, 1971, p. 32.

⁴⁶ Gallois, Pierre, *op. cit.* p. 35.

⁴⁷ Arriagada, Genaro, *op. cit.*, p. 122.

⁴⁸ Gallois, Pierre, *op. cit.* p. 196-197.

4. A Geopolítica de Karl Haushofer

Com o fim da I Guerra Mundial e a consolidação do Tratado de Versalhes, onde a Alemanha acabou profundamente afetada pelas duras condições impostas pelos países aliados, surgiram grupos nacionalistas e a reativação do pensamento geográfico político desenvolvido em fins do século XIX e os princípios filosóficos do Estado como organismo vivo. Neste clima intelectual da República de Weimar, os argumentos do general Karl Haushofer⁴⁹ sobre a inevitabilidade da expansão territorial alemã à custa da guerra e o fundamento de políticas racistas, encontraram apoio no governo de Adolf Hitler⁵⁰. Haushofer difundiu suas idéias através da *Zeitschrift für Geopolitik* (Revista de Geopolítica)⁵¹ publicada na Alemanha entre 1924-1944, e que na América do Sul certos pensadores, especialmente militares, reproduziram e adaptaram às realidades locais⁵². Inclui-se nesta lista Everardo Backheuser, oficial brasileiro educado na Alemanha e um dos principais expoentes da geopolítica de seu país. Publicou o artigo “Conglomerado Político Brasileiro” em 1926⁵³. Haushofer foi o primeiro a esboçar uma concepção geopolítica global ideal, produto da posição de seu país (próximo ao coração da Eurásia, o heartland de Mackinder⁵⁴), igualmente defendeu um aliança com a Rússia (de tradição

⁴⁹O general Karl Haushofer (1869-1946) depois de sua participação na I Guerra Mundial se transformou em professor de Geografia Política e História Militar na Universidade de Munique. Sua concepção geopolítica estava fortemente influenciada por fatores “socialdarwinianos” (determinismo) e o pensamento de Ratzel (Espaço Vital).

⁵⁰ Graciela Uribe, “Geografía Política. Identidad e Interdisciplina”. In: *Geografía y Sociedad. Exploraciones en Compromisos y Propuestas Actuales*. México, 1998, p. 37.

⁵¹Esta revista contou com a colaboração de vários intelectuais: militares, geógrafos, cientistas políticos, historiadores e economistas, sendo alguns renomados professores universitários. Passou de uma tiragem inicial de mil exemplares mensais, em 1924, para mais de cinco mil nos anos 1930 e cerca de um quarto de seus leitores foram assinantes no exterior. A partir de 1931, quando a linha editorial fez eco à ideologia nazista, alguns de seus colaboradores originais se negaram a continuar participando. Esta revista abordou temas como o “espaço vital” para a nação alemã, especialmente na Europa Central, uma nova ordem mundial européia de idéias, a superioridade da raça ariana e seu destino, etc. (Vesentini, 2003: 20-21).

⁵² Segundo Barbosa da Silva (2003), o Museu Paulista da Universidade de São Paulo conta com a maior parte das publicações *Zeitschrift für Geopolitik* que chegaram ao país, não obstante, até o momento, não foi encontrado nenhum exemplar da década de 1940; embora observe o fato que as coleções completas poderiam existir, sem corretamente ser catalogado, em outras bibliotecas brasileiras. Após a guerra, este material representou uma ligação explícita com o nazismo. No Chile não são catalogados estas publicações nas bibliotecas da Universidade do Chile como da Pontifícia Universidade Católica do Chile, as instituições mais antigas do país.

⁵³ Citado por Arriagada, Genaro, *op. cit.*, p. 158.

⁵⁴ Halford Mackinder (1861-1947), geógrafo inglês, se apoiou nas leis de gravitação newtonianas e assinalou ao Império Britânico, já em crise frente aos poderes mundiais emergentes, as alianças que devia construir para não perder totalmente suas posição hegemônica. Através da teoria do *heartland* (terra-coração ou coração continental), indicou que as áreas terrestres do planeta formam em suas três partes uma verdadeira “ilha mundial” (África e Eurásia: um só continente), que está rodeada por cinco

política e militar prussiana) e com as potências do extremo oriente, China e, particularmente, Japão. De fato, Haushofer previu um grande futuro, decisivo por sua posição no oceano Pacífico, dizendo que exerceria grande entusiasmo no pensamento geopolítico da Argentina, Brasil e Chile. A partir desta visão global, Haushofer dividiu o mundo em quatro blocos ou zonas continentais: uma zona de influencia alemã, que abrangeria a Europa (menos a Rússia), África e Oriente Médio; uma zona de influencia norte-americana (continente americano); uma zona de influencia russa (Rússia mais o sul da Ásia, sendo uma saída para o oceano Índico) e uma zona de influencia japonesa (extremo oriente, sudeste asiático e Oceania)⁵⁵.

É certo que o general Karl Haushofer foi reconhecido como a inteligência cinza de Hitler, como chefe da espionagem mundial nazista, por parte da imprensa anglo-saxônica. Em realidade, ele fez parte de um exaltado clima nacionalista (1918-1933) pela recuperação da potencialidade alemã na Europa e deu à geopolítica a finalidade mística de consolidar em cada alemão o amor ao solo e a pátria. Este amor evitaria que no futuro se caísse em um cosmopolitismo moral e político corruptor e faria da Alemanha um corpo capaz de resistir aos mais ferozes combates e não aquela Alemanha vendida, desfeita, cheia de derrotismo, miseravelmente arruinada no espírito que havia encontrado ao regressar a 1918. Definitivamente: um ideal conservador, possivelmente reacionário e aristocrático, porém, não disposto a preparar o caminho à agressão hitleriana na Europa, nem tampouco legitimar os equívocos das políticas nacional e internacional do III Reich⁵⁶, como por exemplo, a invasão da Rússia. Isto significou para ele perseguição e prisão⁵⁷ nos últimos anos do governo de Hitler. Haushofer acabou cometendo suicídio com sua esposa em 1946.

oceanos e que integram um só “oceano mundial” e rodeado de inúmeras ilhas próximas “aumentando as margens interiores”, tais como Grã-Bretanha, Indonésia, Filipinas, Formosa e Japão. Mas além do grande oceano estariam situadas as ilhas exteriores “aumento insular exterior”, representadas pela América, Austrália e Antártica. Para Mackinder, *quem dominar o espaço europeu domina o heartland; quem dominar o heartland domina a ilha mundial e quem dominar a ilha mundial domina o mundo* (Marull, 1971:34-35). Deste modo, condensou sua visão geopolítica do mundo, e exerceu grande influencia na geopolítica alemã. Não obstante, não visualizou a importância que os Estados Unidos adquiririam nas décadas seguintes.

⁵⁵ Vesentini, José William, op. cit., p. 21.

⁵⁶ Vicens Vives, Jaime, op. cit., p. 50.

⁵⁷ Karl Haushofer estava casado com uma judia e seu filho foi assassinado pela Gestapo por ter participado, junto com alguns militares e intelectuais, em um atentado contra Hitler.

Não obstante, a propagação do pensamento geopolítico com intromissões indevidas, como indicaria Backheuser⁵⁸, havia conseguido influenciar consideravelmente além das fronteiras alemãs. É por isso que, de certa forma, a geopolítica, segundo Uribe (1998), terminou se constituindo em um discurso ideológico do Terceiro Reich e com seus desvios pseudocientíficos e trágicos resultados militares, o que significou também, um golpe quase mortal para a Geografia Política. Lamentavelmente, os postulados geopolíticos foram recolhidos pelos grupos dominantes das forças armadas e militaristas e, até hoje nós podemos observar o quanto são utilizados em versões muito semelhantes aos originais, para se analisar os complexos problemas político-estratégico contemporâneos⁵⁹.

Conclusões

O desenvolvimento do pensamento geopolítico alemão se originou em um marco de um processo histórico, geográfico e filosófico em que a visão de mundo era unicamente o sistema imperial. Daí que, particularmente, as concepções geográficas e políticas sobre o espaço vital e os Estados como organismos vivos, encontraram grande acolhida entre os grupos dominantes. Segundo Peet (1998), a Geografia passou então a legitimar, desculpar e racionalizar desde seu primeiro ato original, os interesses do imperialismo. Aos fundamentos de expansão territorial, se incorporaram os relacionados com a superioridade racial, que havia tido amplo desenvolvimento desde a época dos Grandes Descobrimentos e Conquistas sobre os indígenas e povos africanos. A justificação da raça ariana não só argumentava condições físicas superiores, como também aspectos culturais e morais que poderiam ser e, obviamente, foram exacerbados frente a uma Alemanha derrotada e drasticamente sancionada pelo Tratado de Versalhes. Isso contribuiu para o surgimento de numerosos grupos nacionalistas que exigiram a revisão do mesmo e serviram de base para a ascensão do nacionalismo ao poder na década de 1930 com Adolf Hiltler. Assim se propagaria e consolidaria um

⁵⁸ Citado por Arriagada, Genaro, op. cit., p. 159.

⁵⁹ Uribe, op.cit., "Geografia Política. Identidad e Interdisciplina", p. 37.

pensamento geopolítico que justificaria o crescimento dos Estados tendo como preço a guerra e a morte.

A derrota de Hitler não significou necessariamente o fim da Geopolítica como disciplina de estudo. Pelo contrário, tem continuado a cultivar amplamente os círculos militares de países com problemas fronteiriços e com grandes poderes e interesses econômicos, através da construção de idéias próprias (locais) e recorrendo, em alguns casos, a versões muito similares as desenvolvidas na Alemanha. Esta situação tem derivado em uma profunda ambigüidade conceitual com o objetivo de não se vincular a geopolítica diretamente com o nazismo. Desta maneira, a atual geopolítica recolhe elementos de análises próprios da Geografia Política para entender que se está falando de uma disciplina “mais humana”. Assim, as potencialidades analíticas que representa, não só tem permitido seguir em frente, como se tem transformado em uma importante ferramenta para enfrentar os problemas políticos e econômicos de interesse estratégico das grandes potências.

6. Referências Bibliográficas

ARRIAGADA, Genaro. El pensamiento político de los militares. Santiago, Editorial Aconcagua, 1986.

ATENCIO, Jorge. Qué es la Geopolítica. Buenos Aires, Editorial Pleamar, 1979.

BARBOSA DA SILVA. Altiva. A geopolítica alemã na república de Weimar: O surgimento da revista de Geopolítica [en línea]. [fecha de consulta: 16 Abril 2004]. En: Estudios Geográficos, nº. 1(2), Pp. 1-15. Rio Claro, dezembro, 2003. Disponible en: <<http://rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>>.

BERMÚDEZ, Lilia, “Nuevas amenazas a la paz y seguridad internacionales”. En: Revista Estudios Político Militares, Año 1, nº 2, Pp. 117-126. Santiago, 2º semestre, 2001.

BINDÉ, Jérôme, Informe Provisional del Equipo Especial sobre la Unesco en el siglo XXI. [en línea]. [fecha de consulta: 6 Mayo 2004]. Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura, Unesco.

Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001196/119699s.pdf>>.

CORREIA DE ANDRADE, Manuel. Geopolítica do Brasil. São Paulo, Papius Editora, 2001.

GALLOIS, Pierre. Geopolítica. Los Caminos del Poder. Colección Ediciones Ejército. Madrid, Servicio de Publicaciones del EME, 1992.

MARULL, Federico. Geopolítica. En: Revista Terra Australis, Nº. 21. Pp. 28-40, Santiago, 1971.

PEET, Richard. Modern Geographical Thought. Oxford, Blackwell Editores, 1998.

QUIROGA, Patricio y MALDONADO, Carlos. El Prusianismo en la Fuerzas Armadas Chilenas. Santiago, Ediciones Documentas, 1988.

RAMÍREZ, Hugo, "Introducción a la Geopolítica". En: Revista Geopolítica Hacia una Doctrina Nacional. Año VI, Nº 19, Pp. 12-31. Instituto de Estudios Geopolíticos. Buenos Aires, 1980.

KJELLEN, Rudolf, Autarquía. En: RATTENBACH, Augusto, Antología Geopolítica. Buenos Aires, Editorial Pleamar, Pp. 53-62, 1985.

URIBE, Graciela, Geografía Política. Verdades y falacias de fin de milenio. Colección Temas de Actualidad. México, Editorial Nuestro Tiempo, S.A., 1996.

URIBE, Graciela. Geografía y Sociedad. Exploraciones en Compromisos y Propuestas Actuales. Centro de Investigación Científica 'Ingeniero Jorge L. Tamayo', A.C. México, Talleres Gráficos de México, 1998.

VESENTINI, José William. Novas Geopolíticas. Coleção Caminhos da Geografia. São Paulo, Editora Contexto, 2003.

VICENS VIVES, Jaime. Tratado General de Geopolítica. El Factor Geográfico y el Proceso Histórico. Barcelona, Ediciones Vicens-Vives, S.A., 1981.